

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAAT
PSICOLOGIA**

RAQUEL FELIPE DE OLIVEIRA

**A INFLUÊNCIA DA INTERNET NAS AÇÕES SUICIDAS DE
JOVENS E ADOLESCENTES**

ATIBAIA – SP

2021

RAQUEL FELIPE DE OLIVEIRA

**A INFLUÊNCIA DA INTERNET NAS AÇÕES SUICIDAS DE
JOVENS E ADOLESCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário UNIFAAT como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia, sob orientação do professor orientador Me. Rafael da Nova Favarin.

ATIBAIA – SP

2021

Dedico este trabalho primeiramente à Deus, minha família, em especial a minha avó Jandira que já não se faz mais presente.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer o Prof. Me. Rafael Da Nova Favarin, que me orientou durante toda a etapa do presente trabalho, sempre com muito cuidado e atenção em suas orientações, com palavras motivadoras, quebrando todos os tabus sobre a elaboração de um TCC, tornando-o leve e simples.

Agradeço também a todos os professores que me acompanharam nesta jornada. Ao Prof. Me. Émerson Domingues que cedo nos deixou, mas tanto contribuiu com minha formação e em especial aos professores de psicanálise, Dr. Tácito Cardederelli, Me. Ana Cláudia Verzolla, Dr. Geraldo Fiamenghi Jr., Me. Bruna Praxedes Yamamoto e Me. Valéria Provedel que me apresentaram a teoria com tanta paixão e tornaram-se referências a mim.

Gostaria de agradecer também meu chefe e colegas de trabalho, por todo o incentivo e ajuda com meus horários.

Às amigas de graduação que conquistei nesta jornada, amigas que estiveram comigo desde o começo, outras, parceiras de estágio que conquistei na etapa final, mas que tanto contribuíram com a minha formação, também quero deixar minha eterna gratidão. Obrigada por toda ajuda, todo incentivo, todo desespero e muitas risadas compartilhadas. Em especial, não poderia deixar de citar a Kellen, Isabella e Léia, que desde o início me acompanharam. Construimos histórias e sonhos a realizar. Nos apoiamos e vibramos com as pequenas conquistas de cada uma. A estas, gostaria de deixar todo meu carinho e dizer que as levarei para vida.

Aos meus pais, madrinha e irmão, que desde o início me apoiaram. Minha mãe Rosana, que dividiu comigo todos os meus medos e angústias e em todos os momentos esteve ao meu lado, me dando apoio e segurança e me ensinando a ser resiliente. Ao meu pai Ignácio que sempre me incentivou e acreditou em mim, e que nesta jornada que é a vida, sempre me mostrou um caminho de valores do qual me orgulho em dizer. A minha madrinha Daniele, que sempre me foi fonte de inspiração, contribuiu com muito do que sou e ainda quero ser, nunca deixo de acreditar em mim e me incentivar. A estes deixo meu eterno agradecimento.

Por fim, agradeço a minha namorada que me acompanha desde os últimos 3 anos e tornou-se tão especial na minha jornada acadêmica. Muito obrigada por me acompanhar, por toda ajuda me levando ou buscando aos estágios. Agradeço também pela paciência com a minha ausência em determinados momentos, e por sempre acreditar em mim, me incentivar, acolher minhas angústias e tornar este caminho mais ainda mais bonito.

“Internet
Internauta
Internato”
(Saulo Pessato)

RESUMO

O presente trabalho procurou entender como ocorre toda a dinâmica do ato suicida através do viés psicanalítico e como a internet exerce influência na vida humana, com foco na fase do adolecer. Seu objetivo geral buscou identificar como a psicanálise compreende a influência da internet nas ações suicidas. O método consistiu no levantamento e análise da literatura especializada, de cunho psicanalítico, recorrendo a autores, que contribuíram com a compreensão do ato suicida e também, com autores que puderam explicar a dinâmica do processo de adolecer. Neste trabalho, pode-se compreender desde as forças internas que exercem sobre o sujeito, como pulsão de morte e a dinâmica do sadismo, fortalecendo as ideações suicidas e como o meio em que o sujeito está inserido tem papel fundamental desde o pensamento ao ato. Descreveu-se as vulnerabilidades da adolescência e como estas se tornam vítimas do mundo digital, principalmente através das redes sociais e às suas normas e cultura de likes. A internet, com suas ambiguidades, conquistou papéis fundamentais na vida humana, podendo estar presente em todas as faixas etárias, grupos e classes sociais. Destaca-se o cuidado frente a este território que influencia atitudes e ideias, especialmente para uma parcela mais vulnerável da população e que vive os impasses relativos à vida, seu desenvolvimento, sua sexualidade e a autoimagem.

PALAVRAS-CHAVE: Suicídio. Psicanálise. Adolescentes. Internet.

ABSTRACT

This paper sought to understand how the dynamics of suicide occurs through psychoanalysis and how the internet influences human life, focusing on the adolescent phase. Its general objective was to identify how psychoanalysis understands the influence of the internet on suicidal actions. The method consisted of a survey and analysis of specialized psychoanalytic literature, resorting to authors who contributed to the understanding of the suicidal act, and also to authors who could explain the dynamics of the adolescence process. In this work, it was possible to understand the internal forces that act upon the subject, such as death drive and the dynamics of sadism, strengthening the suicidal ideations and how the environment in which the subject is inserted plays a fundamental role, from thought to act. We described the vulnerabilities of adolescents and how they become victims of the digital world, mainly through social networks and their norms and culture of likes. The internet, with its ambiguities, has conquered fundamental roles in human life, and can be present in all age groups, groups, and social classes. It is important to be careful in front of this territory that influences attitudes and ideas, especially for a more vulnerable part of the population and that lives the impasses related to life, its development, sexuality and self-image.

KEYWORDS: Suicide. Psychoanalysis. Teenagers. Internet.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
MÉTODO	12
1. O SUICÍDIO NO VIÉS PSICANALÍTICO	13
2. A INFLUÊNCIA DA INTERNET NA VIDA HUMANA	21
DISCUSSÃO	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

Hoje em dia é cada vez mais comum e recorrente encontrar pessoas diagnosticadas com depressão, transtornos de ansiedade entre outros transtornos psíquicos, situação agravada diante do atual cenário pandêmico¹ que alterou sobremaneira a realidade e a rotina da população. Neste momento de distanciamento social, as pessoas tiveram que se reinventar e a internet tomou grande espaço na vida e cotidiano das pessoas.

De acordo com o site da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), cerca de 800 mil pessoas tiram a própria vida e um número ainda maior de indivíduos tenta suicídio, sendo eles a maioria jovens entre 15 e 29 anos.

A adolescência é uma fase de várias mudanças e adaptações para os jovens. É um momento de escolhas que passa pela definição de uma profissão, da própria formação, inícios de relacionamentos e a despedida do corpo e pensamento infantil. De acordo com Abreu e Souza (2017), é ainda um momento em que há uma cobrança de pertencer a grupos e provar competências aos grupos e amigos, que podem gerar comportamentos abusivos e de riscos.

É comum que estas mudanças causem medos e ansiedades. Esta é a fase da vida na qual surgem várias dúvidas e perguntas em relação a si mesmo e sua autoimagem. Em um mundo totalmente conectado, onde as brincadeiras de rua foram substituídas por jogos *on-line* e redes sociais, estes medos e anseios parecem se espalhar e se conectar com os jovens com a mesma velocidade.

A busca por aceitação, pertencimento a um grupo e questões com a autoimagem pode levar o adolescente viver uma realidade que não é a sua, vivendo um falso self. Segundo Winnicott (1983), o sujeito pode construir falsos

¹ Em 2019 surge na China, na cidade de Wuhan o primeiro caso da Covid-19, causada pelo vírus coronavírus. Em 20 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou o surto como Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional e, em 11 de março de 2020, como pandemia. O primeiro caso de Covid-19 foi confirmado no Brasil no dia 26 de fevereiro de 2020 e primeira morte em 17 de março de 2020. Segundo o site Gazeta do Povo, do primeiro registro de Covid-19 no Brasil até a data de 27 de março de 2021, foram registrados o total de 310.550 mil mortes no país e 12.490.362 de casos confirmados. Hoje vivemos a segunda onda de casos no país batendo o recorde de mortes diárias, chegando a mais de 3.000 mortes por dia.

relacionamentos e através de suas introjeções apresentarem uma aparência real de si, mas que na verdade esconde um grande vazio.

Desta forma a internet e as modas passageiras tomam cada vez espaço na vida dos adolescentes e quando confrontados, o jovem se depara com seu vazio e falta de significados, podendo surgir o ato.

Frente ao exposto, esta pesquisa apresenta a seguinte questão: como a psicanálise compreende a influência da internet nas ações suicidas? Sendo seu objetivo geral, identificar como a psicanálise compreende a influência da internet nas ações suicidas. Levantando estes dados, acredita-se que será possível suscitar debates e ações que trabalhem de modo, não apenas preventivo, mas educativo para o uso da internet.

Dois são os objetivos específicos deste trabalho a saber: Descrever o suicídio a partir do referencial psicanalítico e analisar como se constitui a influência da internet na vida dos jovens em uma visão psicanalítica.

O percurso desta pesquisa buscou, em um primeiro momento, realizar um aprofundamento nas interfaces do suicídio, entender quais os seus processos, possíveis fatores e como a clínica psicanalítica trabalha com estas questões. Após compreender as questões do suicídio, pretende-se descrever a relação do mundo virtual com as ações suicidas, qual a influência da internet na vida dos jovens e como isto os afeta.

Para isto, foi realizada pesquisas bibliográficas em sites, artigos e livros, autores e pesquisadores que sustentem e proporcionem material necessário para trabalhar com o tema abordado. Os sites de busca utilizados foram: Google Acadêmico, PePSIC, SciELO e CAPES, onde serão utilizado o cruzamento de palavras chaves como: “suicídio”, “jovens”, “internet” e “clínica psicanalítica” para afinar estas buscas. A seleção dos textos foi realizada através da leitura dos resumos, onde aqueles que apresentarem relação com o tema serão selecionados e lidos na íntegra. A seleção também privilegiou textos produzidos nos últimos dez anos.

As hipóteses do presente trabalho foram baseadas no cenário pandêmico atual em que a internet vem tomando cada vez mais espaço na vida do homem. Assim, como hipótese, acredita-se que o jovem vem perdendo e negando sua identidade em busca de aceitação e que, aos poucos, por medo

da rejeição, procura na internet, a partir da *cultura de likes*, personificações e padrões aceitos socialmente, resultando no desenvolvimento de um falso self.

Neste trabalho serão apresentados dois capítulos, sendo o primeiro “O suicídio no viés psicanalítico” e o segundo “A influência da internet na vida humana”.

O primeiro capítulo busca-se compreender a dinâmica do suicídio em todo o seu processo dentro do viés psicanalítico e como a ideação suicida surge no indivíduo na fase da adolescência. Já no capítulo seguinte, será apresentado como a internet, que hoje faz, cada vez mais, parte da vida humana, pode influenciar e contribuir para que o jovem venha a ter pensamentos suicidas e tente contra si próprio.

Neste momento, serão apresentadas as vulnerabilidades de jovens e adolescentes e quais as influências sofridas pela internet. No contexto atual, pandêmico, a internet ganhou ainda mais força podendo interferir direta e indiretamente a vida humana. Suas influências podem ser boas e más e sendo os jovens os mais vulneráveis, busca-se compreender quais os são os pontos que podem favorecer este fenômeno.

MÉTODO

O método utilizado para discorrer a presente pesquisa foi fundamentado em um levantamento de dados e informações que abordem o tema escolhido. Para isto, serão feitas pesquisas em artigos, livros e sites que apresentassem dados relevantes e estudos acerca das questões do suicídio e a influência da internet na vida humana.

A pesquisa foi realizada com a abordagem qualitativa, onde buscou-se encontrar dados e informações que justificassem a influência da internet nas ações suicidas, com o principal foco para a fase da adolescência.

O propósito da pesquisa foi, através dos estudos realizados, discorrer de maneira explicativa o porquê os jovens se deixam influenciar pela internet e como esta influência pode ter ligação direta com o ato suicida.

A abordagem escolhida para explicar este fenômeno foi a psicanalítica, onde através de autores como Freud, Cassorla, Miller, entre outros, buscou-se fundamentar as pesquisas e explicar de maneira psicanalítica como ocorre o processo do pensamento suicida ao ato e posteriormente o processo da influência do mundo digital na vida humana nos tempos atuais.

Os principais meios para as pesquisas bibliográficas foram sites de busca acadêmicos como: Google Acadêmico, PePSIC e SciELO, onde foram utilizadas palavras chaves como: “suicídio”, “jovens”, “internet” e “clínica psicanalítica” para afunilar minhas buscas.

1. O SUICÍDIO NO VIÉS PSICANALÍTICO

Falar de suicídio é sempre delicado e complexo, haja vista que os motivos podem ser multifatoriais, divide opiniões, pode estar atrelado a cultura e sempre vai além do indivíduo que realiza o ato.

Busca-se aqui explicitar como ocorre a dinâmica do suicídio, através do viés psicanalítico. Lacan conceitua esta dinâmica como uma passagem ao ato, onde demonstra que é neste intervalo do pensamento à ação que se conclui o ato. Segundo Miller, “o pensamento está essencialmente sob impasse, que o recalque significa isto, e que o ato terá sempre que encontrar um passe para se cumprir” (2014, p.2). O sujeito que vivencia a experiência de angústia e pensa em suicídio, encontra-se num impasse: a coragem para o ato.

Primeiramente é necessário compreender que o suicídio, antes de ser um atentado contra a própria vida, é a busca pela morte da dor. Vários são os motivos que podem levar o sujeito a pensar em suicídio. Cassorla em seu livro *Suicídio* comenta que até mesmo a sociedade pode contribuir para um ato suicida.

Promove-se um suicídio da tomada de consciência dos direitos sociais por meio de um sistema educativo alienante, de uma rede de desinformação, de uma cultura consumista, de uma ode ao oportunismo e, eventualmente, à desonestidade, em conluio com um sistema propício para a manutenção das injustiças e da impunidade. Uma sociedade em que os jovens não têm perspectivas – a não ser a violência e as drogas – está cometendo “suicídio” (CASSORLA, 2019, p.19).

Assim, visto sem saída para seu sofrimento e angústia o sujeito visa acabar com a dor matando parte de si, ainda que para isto, mesmo sem intenção, venha a cometer o suicídio. O ato suicida de grosso modo vem a ser visto como o se matar para fugir de uma realidade dolorosa, mas ao tentar o ato, o sujeito busca atentar não contra si, mas com o objeto a qual se identificou. Em outras palavras, de acordo com Cruz, Resende e Reis, “O Eu só pode matar a si próprio se puder fazer com que o investimento de objeto retorne sobre si, ou seja, tratando-se sadicamente como objeto, dirigindo contra si a hostilidade que seria originalmente voltada para o objeto perdido” (2019, p.38). O indivíduo na tentativa de matar a dor, encontra o Eu como objeto, desta forma, atentando contra si mesmo, ainda que esta não seja sua intenção primordial.

De acordo com Freud (1921/2011 *apud* CRUZ; RESENDE; REIS, 2019, p.36):

Talvez ninguém encontre a energia psíquica para se matar, se, primeiro, não estiver matando também um objeto com o qual se identificou, e, em segundo lugar, se não estiver dirigindo contra si mesmo um desejo de morte que era voltado para outra pessoa.

Em *Luto e Melancolia* (1917 / 2013), Freud explica que o sadismo da melancolia explicaria o enigma da tendência ao suicídio. O indivíduo quando perde seu objeto amado, entra em processo de luto. Neste processo, Freud explica que o sujeito é obrigado a retirar suas pulsões libidinais que até então eram investidas no objeto que já não existe mais. O mesmo ocorre na dinâmica da melancolia, porém aqui não há uma morte para o luto em si, e sim a perda de um objeto amado, onde o sujeito também perde a ligação com o objeto ao qual destinaria sua libido, destinando-a para seu próprio ego, onde ocorre “uma identificação do ego com o objeto abandonado” (FREUD, 1917, p. 32). Desta maneira ao perder o objeto amado, seu ego também se esvaziou.

No luto o sujeito reconhece sua perda, seu objeto perdido, já na melancolia, ele, de modo consciente, também reconhece sua perda, mas inconscientemente não sabe o que de si foi perdido com o objeto. Em ambas as perdas ocorrem um processo interno do ego de elaboração e adaptação da mudança ocasionando inibição e falta de interesse, mas na melancolia:

O melancólico nos mostra ainda algo que falta no luto: um rebaixamento extraordinário do seu sentimento de autoestima, um enorme empobrecimento do ego. No luto é o mundo que se tornou pobre e vazio; na melancolia é o próprio ego. O doente nos descreve o seu ego como indigno, incapaz e moralmente desprezível; ele se recrimina, se insulta e espera ser rejeitado e castigado. Humilha-se perante os demais e tem pena dos seus por estarem eles ligados a uma pessoa tão indigna. Não julga que lhe aconteceu uma mudança, mas estende sua autocrítica ao passado: afirma que ele nunca foi melhor. O quadro desse delírio de inferioridade – predominantemente moral – se completa com insônia, recusa de alimento e uma superação – extremamente notável do ponto de vista psicológico – da pulsão que compele todo ser vivo a se apegar à vida (FREUD, 1917, p.30).

O sujeito no estado de melancolia se autodeprecia e se auto pune numa espécie de vingança. A fim de se vingar do objeto amado, o originário de sua libido, movido por um sentimento de revolta investe ódio e hostilidades, mas só que agora, como já não há mais o objeto originário, volta-se contra si mesmo. Com a perda do objeto identificado com o ego, conseqüentemente se perde o

ego, nesta dinâmica o indivíduo se desnuda de suas vergonhas e perde a censura de sua consciência. Assim, as autoacusações e ofensas são produzidas como forma de punição e castigo para o objeto que, de alguma forma lhe decepcionou. Para Freud esse sadismo da punição ao objeto perdido voltado para si mesmo, poderia explicar a dinâmica da tendência ao suicídio.

Desse modo, o investimento amoroso do melancólico no seu objeto experimentou um duplo destino: por um lado regrediu à identificação, mas por outro, sob a influência do conflito de ambivalência, foi remetido de volta à etapa do sadismo, mais próxima desse conflito. Só esse sadismo resolve para nós o enigma da tendência ao suicídio, pela qual a melancolia se torna tão interessante – e tão perigosa (FREUD, 1917, p. 34).

Freud (1920) também discorreu sobre duas teorias de pulsões e para compreendê-las melhor, iremos retomá-la desde o princípio. Para ele somos movidos pelo princípio do prazer, onde a excitação de um desejo resulta em uma tensão ao organismo, causando a sensação de incômodo e desprazer. Assim, a fim de sanar a tensão causada pela excitação, o sujeito tende a ir a busca da realização do desejo para pôr fim ao desprazer. Apesar de estarmos em função da baixa tensão dos desejos que, conseqüentemente, nos levavam ao prazer, não seria este processo que determina a dinâmica de nosso aparelho psíquico. Mais tarde o princípio do prazer cede lugar ao princípio da realidade, neste momento, o prazer ainda é visado como objetivo de realização, mas aqui há o adiamento do prazer. No princípio do prazer, o processo psíquico é influenciado pela pulsão de autoconservação.

É indubitável, porém, que a substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade pode ser responsável tão somente por uma pequena parte, de modo algum a mais intensa, das experiências de desprazer. Uma outra fonte de origem do desprazer, não menos regular, acha-se nos conflitos e cisões dentro do aparelho psíquico, enquanto o Eu perfaz seu desenvolvimento rumo a organizações mais complexas (FREUD, 1920. pg. 124).

Devido a influência da pulsão de autoconservação e suas exigências, o princípio da realidade, perpassa por um longo e complexo processo até a realização do prazer. Há aqui um mecanismo de repressão de desejo, acompanhado de possibilidades de satisfação diretas ou indiretas do mesmo.

Freud constata que as pulsões do eu presentes na autoconservação e as pulsões sexuais, presentes no princípio do prazer, agem de maneiras

opostas, onde as pulsões sexuais buscam a continuação da vida, enquanto o outro busca a inércia, ou seja, a morte. A partir disto, FREUD (1920) irá então discorrer sobre a segunda teoria das pulsões.

A primeira, chamada Teoria da Libido, seria partilhada entre as pulsões do ego ou de autoconservação e as pulsões sexuais, voltadas para a manutenção e autopreservação do sujeito. Tempos depois, Freud (*apud* AZEVEDO e NETO, 2015), postula que há em nossa psique duas forças que opostas. Então ele cita que a pulsão do ego e pulsão sexual, são forças que nos levam ao desejo de algo, ao movimento e busca por objetos e satisfações, assim sendo intituladas como pulsão de vida. Em contrapartida teríamos em nossa psique também, a pulsão de morte.

Azevedo e Neto (2015) explicam que a pulsão de morte se alia ao superego resultando na dureza e crueldade presente desta instância. Em ação, a pulsão de morte apresenta no ego sentimento de culpa, fazendo com que o sujeito se considere merecedor de tal sofrimento. Deste modo podemos compreender que no estado de melancolia, prevaleceria a pulsão de morte, agindo sobre o ego com a autodestruição. Durante o processo melancólico, o sujeito além de lidar com a perda do objeto e todo o tramite da melancolia, lida também com a pulsão de morte que ganha ainda mais força.

A pulsão de morte parte do princípio da inércia, onde o organismo buscaria se livrar de todo e qualquer estímulo que agite o aparelho psicológico, a fim de se obter paz. Para Freud, os estímulos, contrários à morte, agora então intitulados como pulsão de vida, seria uma força oposta. A pulsão de morte, levaria o indivíduo em busca de silenciar os estímulos que o coloca em movimento. Há em nossa psique estas duas pulsões, ambas trabalhando simultaneamente e constantemente. Enquanto uma se satisfaz com o estímulo do sujeito ao movimento a outra busca eliminar toda e qualquer excitação do aparelho neurológico, conforme cita Freud (*apud* AZEVEDO e NETO, 2015. p. 70):

Aquelas que levam à ação já eram bem conhecidas, pois consistiam no agrupamento das pulsões sexuais e de autopreservação. Freud deu-lhes o nome de Pulsões de Vida. O autor dizia que estas pulsões diziam respeito às excitações que induziriam à busca de objetos. Por outro lado, aquelas que levavam à estagnação era a grande novidade da proposta, e Freud as nomeou Pulsões de Morte. Estas eram descritas como as que buscariam a paz, ou seja, a ausência de estimulação no organismo (Freud, 1920/1996b).

Todos os indivíduos são movidos pelas pulsões de vida, que são aquelas que nos impulsionam a crescer, desenvolver e, no sentido mais literal da palavra, viver a vida. No entanto, na pulsão de morte, que, segundo Cassorla (2019), nos leva a um estado de inércia, dificultando nossa capacidade de lidar com as situações e tramas da vida, implicando em más relações consigo mesmo e com o mundo, ganharia ainda mais força em um sujeito que se vê em uma condição conflituosa com seu ambiente e que se encontra no impasse do pensamento ao ato.

A pulsão de morte, de fato visa à morte, fortalecendo ainda mais pensamentos suicidas. Torna-se um ciclo vicioso, onde o indivíduo em estado de melancolia, com o ego fragilizado potencializa a pulsão de morte ao mesmo tempo que, visando reduzir estímulos, influi para que o sujeito diminua suas excitações, ficando ainda mais deprimido.

De acordo com Miller (2014), Lacan interessava-se em estudar a passagem ao ato: “ele pensa o ato não a partir da alocação ótima de recursos, mas a partir do suicídio, e o toma como paradigma do ato propriamente dito” (MILLER, 2014, p.5). Assim, para Lacan, mesmo que o indivíduo que cometa a tentativa de suicídio não tenha sucesso, ainda assim, ali o ato se concretizou, pois no momento da tentativa, mesmo que falha, há a “morte do sujeito”, mas não a morte do sujeito no sentido literal, e sim do que o sujeito quis matar com a tentativa do ato.

Se compararmos com o que Freud dizia em relação ao indivíduo encontrar o investimento do objeto no próprio Eu e assim acabar atentando contra si próprio, aqui podemos correlacionar com a tentativa do ato, onde ao concretizar o ato já há uma “morte do sujeito”, como se o sujeito aqui, fosse o objeto. Em ambas as dinâmicas o indivíduo ao tentar o ato suicida não busca sua própria morte, mas sim a de um objeto ou algo que lhe cause algum mal-estar.

Lacan acreditava que toda vez que o ato é evocado, mesmo que não haja a morte do indivíduo, há uma morte de sentido e significados no gesto do ato, por isso após toda tentativa há um novo renascer.

Todo ato verdadeiro, no sentido de Lacan, é assim, digamos, um “suicídio do sujeito”. Podemos colocar entre aspas para indicar que

ele pode renascer disso, mas renasce diferente. É isto que constitui propriamente um ato: o sujeito não é mais o mesmo antes e depois. É o que justifica o termo “mutação”, e aqui o levo ao extremo, até o termo “suicídio”. Talvez isto se acomode melhor em suas orelhas se eu disser que todo ato verdadeiro, todo ato que não é só agitação, movimento, descarga motora... Todo ato verdadeiro, todo ato que marca, que conta, é transgressão (MILLER, 2014. p.5).

Para a psicanálise a dinâmica do suicídio ultrapassa o limite da consciência, há por trás de toda tentativa, motivos inconscientes e influências externas do ambiente. Cassorla (2019) apresenta em seu livro, relatos de pacientes que negam a tentativa do suicídio. Alguns pacientes, ao serem questionados após a tentativa do ato, relatam não tê-lo tentado de fato. Uma das pacientes diz ter se distraído e caído. A atitude de negação do ato, não seria um discurso mentiroso, mas sim a realidade do consciente, onde o ato da tentativa seria resultado de um ato falho do sujeito provocado pelo inconsciente.

Pode-se dizer que nem tudo o que pertence a nós, de fato temos conhecimento. É no inconsciente que surgem os atos falhos, ou *acting-out*, como uma forma de apelo ao outro, causados por algum trauma, sentimento ou desejo recalcado. O ato falho, se externaliza como um equívoco ao indivíduo, realizando assim a satisfação de um desejo inconsciente. Considerando o discurso da paciente, nota-se que à primeira vista a paciente não teria mesmo conhecimento de sua tentativa de suicídio, pois foi ela, levada a um equívoco de um desejo que não era de seu conhecimento. Assim, a clínica psicanalítica postula que o que se interpreta não é o suicídio em si, mas sim sua tentativa, a passagem para o ato. Busca-se compreender as causas latentes e manifestas que levaram o sujeito ao ato, e então dar conta desta complexidade como cita Miller:

A experiência analítica, é o que ele pensava, ensina que o pensamento está essencialmente sob impasse, que o recalque significa isto, e que o ato terá sempre que encontrar um passe para se cumprir. De tal forma que a mutação subjetiva destacada pelo clínico acerca da passagem ao ato – vimos algumas citações que confirmam isso no trabalho de Sauvagnat –, essa mutação subjetiva própria à passagem ao ato é, de certo modo, exemplar (2014. pg. 02).

Em 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020) fez um alerta sobre o suicídio, alegando que no Brasil “cerca de 12 mil pessoas tiram a

própria vida por ano, quase 6% da população. No mundo, são cerca de 800 mil de suicídios anuais. O Brasil só perde para os EUA". A OMS ainda apresenta dados que mostram que das vítimas brasileiras a maioria é homem, negro e com idade entre 10 e 29 anos, baseados nos dados do Ministério da Saúde avaliados nos anos de 2016 a 2019.

Pensando na fase da adolescência, este é um momento complexo, repleto de mudanças, tanto corporais quanto emocionais. Considerando que se trata justamente da fase em que os jovens vivenciam impasses importantes da própria vida, como a busca e escolha de um trabalho e primeiros relacionamentos amorosos. Nesta fase o jovem passa a se enxergar como antes não se enxergava. Pensando nisto, pode-se compreender a recorrência maior de tentativas de suicídio entre o público jovem.

Segundo o site da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), cerca de 62 mil adolescentes morreram em 2016 por suicídio, sendo esta a 3ª principal causa de morte entre os adolescentes de 15 a 19 anos. Nunes (1991) pontou que o suicídio é apenas a ponta do *iceberg* e que por baixo do ato, há uma série de comportamentos e fantasias. Pensando nos dias atuais, e em toda a complexidade que envolve a fase da adolescência, podemos dizer que hoje em dia há uma romantização, certa glamourização do ato devido à fantasia de manter-se vivo na consciência do outro. Como se assim, ao invés de se suicidar no desejo de morrer, o sujeito buscasse com o ato, a fantasia de viver eternamente. Essas fantasias podem surgir com teores de vingança, punição a si mesmo ou ao outro, entre outras.

De acordo com a OPAS (2020), os motivos que levam os jovens a cometer o ato podem ser: sentimento de desesperança, depressão e ansiedade. Este é um momento de transgressão da vida infantil para a vida adulta. O jovem se despede do corpo infantil, das brincadeiras e passa a adentrar em um momento que exige de si mais maturidade. Neste momento há cobranças familiares, sociais e dentro dos grupos de amigos. Além disto, há ainda fatores como contexto familiar e vulnerabilidade social. Cassorla (2019) em seu livro *Suicídio*, explica que mesmo a sociedade e sua dinâmica podem influenciar em atos suicidas. A criminalidade e preconceitos são fatores externos que podem influenciar ao ato.

Sabemos que a sociedade impõe padrões e exigências de comportamentos, corpos e modelos que são taxados como corretos e/ou perfeitos, se mesmo um adulto, com opiniões já formadas, experiências de vida e com um nível de maturidade melhor elaborada, está sujeito a sofrer influências sociais, um adolescente no auge de suas transformações e elaborações psíquicas, sem o mesmo nível de maturidade e vivências, cheios de dúvidas e anseios, passa por toda esta fase sendo influenciado pela sociedade, tendo a própria sociedade, parte de sua formação como sujeito no mundo e sujeito para si mesmo.

Gomes, Baptista, Carneiro e Cardoso (2014), apresentaram dados de um estudo onde mostra que a taxa de suicídio tem predominância no sexo masculino. Isso se justificaria com a “diferença quanto às estratégias de enfrentamento escolhidas por ambos” (p.65). Os autores apontam ainda, que além de todos os fatores de conflitos da fase juvenil e contextos socioeconômicos, hoje em dia, com a crescente demanda do mundo digital, a mídia passa a ser mais um dos fatores influenciadores do ato suicida na vida do adolescente.

Em meio a tantas transformações, numa tentativa de compreender a tentativa de suicídio entre os adolescentes, devemos considerar as tendências do inconsciente e da pulsão de morte agindo no sujeito, somatizadas com a complexidade da transição da fase infantil para a fase juvenil, com todas suas perdas e novas descobertas, somadas ainda com fatores contextuais de dinâmica familiar, vulnerabilidade socioeconômica e pressões de padrões sociais, resultando num conflito interno, onde para o jovem, em sua elaboração interna, o resultado seja o ato com a finalidade de colocar um fim na dor e não de fato em sua própria vida.

Na medida em que os conflitos se deparam com as dinâmicas internas psíquicas, a ideação suicida aparece e pode se tornar cada vez maior e mais frequente na vida do ser humano.

2. A INFLUÊNCIA DA INTERNET NA VIDA HUMANA

A internet tem cada vez mais impacto na vida dos jovens, adolescentes e adultos. Além de ser utilizada como ferramenta de trabalho e estudos, ganhou mais força nessa época pandêmica como *hobbie* e passatempo. As redes sociais ganharam mais espaço promovendo não somente as inter-relações, mas também formas de impulsionar e lançar produtos e serviços, ditando novas modas e padrões. Influência no modo de agir e pensar das pessoas, exercendo papel fundamental a nível social do sujeito, e conseqüentemente na sociedade como um todo.

Novos empregos surgiram, os antigos tiveram que se reinventar e para acompanhar tantas mudanças, o homem teve que se adaptar e criar hábitos. Santos e Vieira (2020, p.4) apresentam que:

O Brasil possui 210 milhões de habitantes. Destes, 140 milhões são usuários ativos nas redes, o que corresponde a 66% da população. 61% dos internautas brasileiros acessam as redes sociais via dispositivo móvel (celular ou tablet). Todos os usuários brasileiros visitaram ou usaram as redes sociais em 2018 e, destes, 81% é ativamente engajado nas plataformas. O brasileiro gasta, em média, 3 horas e 34 minutos por dia com as redes sociais, e a maioria tem entre 25 a 34 anos. O segundo grupo etário em maior quantidade tem de 18 a 24 anos. Na terceira posição está a população de 35 a 44 anos e, em último lugar, se encontram os idosos a partir de 65 anos. Então, o internauta brasileiro médio é jovem, e passa a maior parte do tempo navegando pelas redes sociais, por meio de aparelho celular.

Com todos estes avanços tecnológicos, conseqüentemente há também mudanças no comportamento humano. Como mostram os dados acima, hoje um indivíduo passa mais tempo conectado no celular. Mesmo sendo um meio de aproximar relações e pessoas, esses comportamentos interferem nas relações presenciais. Conforme Santos e Vieira (2020, p.5), está em curso “uma juventude completamente dependente da conexão virtual, especialista na utilização de computadores, celulares, tablets e outras mídias digitais. Porém, com muita dificuldade no convívio com pessoas, diálogos e relacionamentos presenciais”. Além disso, surgem novas culturas e regras sociais/virtuais. Curtidas em fotos e vídeos, tempo para responder uma mensagem, estar antenado às notícias virais, postar conteúdos, entre outros, são algumas das regras virtuais que interferem no comportamento humano, assim como, o

comportamento humano influência no mundo virtual, trazendo mais demandas e aperfeiçoamento das mídias já existentes.

Não há como evitar as mídias que se mostram cada vez mais poderosas e essenciais. Sem implicar benefícios nem malefícios, acabam sendo prejudiciais no momento em que são usadas de uma forma que reestrutura a realidade de quem usa tal ferramenta de maneira onipresente, baseando nela suas decisões. Por conta desse movimento, mudou-se a forma de trabalhar e de coexistir, principalmente entre os jovens, que se tornam multitarefados e expostos, em tempos cada vez maiores por dia, nas redes (ABREU; SOUZA, 2017. p.164).

Gomes, Baptista, Carneiro e Cardoso (2014) mostram que em 1974 Phillips, “realizou uma pesquisa sobre a influência da sugestionabilidade ao suicídio, analisando a frequência de comportamentos suicidas após a publicação de matérias sobre o tema” (p.65). Mais tarde em 1998, Baume, Rolfe e Clinton, passaram a chamar esta influência da mídia de *suicide modelling*. Os autores consideram que atos suicidas podem influenciar e encorajar outras pessoas. Desta forma, se considerarmos que hoje há um compartilhamento de informações muito mais rápidas e com maior alcance devido a internet, a mídia pode influenciar um maior número de pessoas.

Recentemente, um caso de suicídio ficou bastante conhecido, quando um menino ao postar em uma rede social, um vídeo fingindo tentar beijar seu amigo, recebeu vários ataques e comentários homofóbicos. O menino até fez outro vídeo explicando que tudo não passava de uma brincadeira, mas os ataques continuaram. Após a morte do garoto, o caso tomou proporções maiores e o compartilhamento do vídeo aumentou e viralizou, podendo assim servir de gatilho para tantos outros jovens que se encontram na mesma situação. Esse viralidade pode ser comparada com o “Efeito Werther”, onde o número de suicídio cresce após um caso viralizar. Lembrando também o efeito anteriormente citado, o *suicide modelling* (BBC NEWS, Disponível em: <https://bityli.com/Lrx6ko>. Acesso em: 25/09/2021).

A internet também possibilitou novas formas de relacionamentos entre pares, encurtando distâncias e gerando novos modelos de relações interpessoais, influenciando até mesmo na dinâmica familiar. Além de prejuízos de socialização, devido à falta de comunicação presencial e trocas de vivências presenciais. O modelo familiar hoje sofre influências externas que os

distanciam ainda mais naturalmente, sem que percebam tais influências. É comum pais cansados com a correria do dia a dia não terem tempo para os filhos, ou mesmo se distraírem com redes e mídias sociais. E jovens se incomodem com pais presentes e considerados invasivos, por estarem acostumados com relações não tão próximas e contatos virtuais. Devido a isto, Santos e Vieira (2020) citam que:

Surge a partir daí uma geração sem planejamento, sem projeto de vida. Se tornam seres frágeis, capazes de enxergar nos outros o que não veem em si próprios. Nesse viés ficam expostos a situações extremas como a reclusão, o medo, o isolamento, a depressão, a automutilação e o suicídio (p.6).

Durkheim em 1897 aponta o ato suicida como reflexo social também e não apenas de causas pessoais (SANTOS; VIEIRA, 2020). Se no século passado se falava da influência social na vida do ser humano, imaginemos agora com um mundo todo conectado, a influência e proporção que pressões sociais podem exercer na vida humana.

Nos dias atuais, as pessoas da nova geração já nascem e crescem envolvidos com o mundo virtual, fazendo parte do cotidiano do indivíduo desde seu nascimento. Assim, “o termo ‘nativo digital’ é comum aos psicólogos e demais cientistas das áreas mental e social quando se referem à geração conectada às mídias digitais e aos computadores, iniciada por volta dos anos 80” (ABREU; SOUZA, 2017. p.169).

A adolescência é uma fase de descobertas e mudanças na vida de um jovem. Devido suas transições, esta fase pode parecer confusa e desencadear ansiedades, medos e inseguranças nos adolescentes. Há cobranças por parte da família, escola, de si mesmo e principalmente do grupo social em que vive.

Uma vez que a autoimagem está se constituindo, os lutos estão acontecendo, o estado emocional está instável e toda a carga hormonal e biológica está em ebulição, a experimentação de várias situações e personalidades segue, muitas vezes, um curso desenfreado no que concerne à liberdade. Existe, ainda que às vezes implícita, uma cobrança em pertencer a grupos e provar competências aos grupos de amigos, dando vazão às condutas de risco e a comportamentos abusivos, principalmente com álcool, drogas, comportamentos sexuais de risco, comportamentos antissociais e comportamento suicida (ABREU; SOUZA; 2017. p.162).

Esta fase conturbada e conflituosa devido às mudanças, torna-os mais vulneráveis à toda a influência da internet. É comum que nesta fase o jovem se

sinta inseguro. Abreu e Souza (2017) destacam que este é um período de luto, onde o jovem se despede não apenas do corpo infantil, mas também de seu papel infantil, e o uso das redes sociais podem lhe gerar expectativas e frustrações. Ao mesmo tempo em que a internet possibilita boas experiências e vem a ser uma ferramenta que auxilia a vida humana, também traz consigo alguns perigos. Gomes, Baptista, Carneiro e Cardoso (2014), apresentam um estudo de busca na internet com a palavra suicídio. Os resultados encontrados apresentaram sites que favorecem e encorajam o suicídio mostrando maneiras de ser cometido.

Os três primeiros grupos se relacionaram a sites dedicados ao suicídio, de conteúdo pró-suicídio, descrevendo métodos (sem encorajar) e descrevendo termos elegantes. Outros três grupos envolviam conteúdo informativo sobre métodos e considerando o tema como “divertido”, não sendo levado a sério. Os outros critérios usados na pesquisa envolviam sites contra o suicídio; sites de prevenção ou suporte; sites acadêmicos ou de polícia; notícias; conteúdos de bate-papo; e também páginas não encontradas ou de conteúdo não relevantes; dentre outros (Biddle et al., 2008 apud Gomes et al. 2020. p.66).

O estudo teve 14 grupos de critérios utilizados, dentre eles critérios como conteúdo pró-suicídio, métodos de suicídio sem encorajar, informações sobre métodos, tema visto como divertido, prevenção e suporte, sites contra o suicídio, entre outros.

Após o estudo, os autores chegaram a conclusão de que há um “grande número de sites que fornecem informações pró-suicídio como, por exemplo, técnicas e/ou métodos que auxiliam aquele com ideação suicida a realizar o ato” (GOMES, BAPTISTA, CARNEIRO e CARDOSO, 2014. p.67).

Abreu e Souza (2017) também apresentaram uma pesquisa com a palavra suicídio na internet. Fora os resultados já apresentados na pesquisa anterior, os autores também chamam atenção para os sites “que desencorajava, proibia ou prevenia o ato suicida” (ABREU; SOUZA, 2017. p.167), que apresentavam uma defasagem de referências bibliográficas, relatos e orientações de cunho individual, sem notoriedade científica, e para os autores, mesmo que com boas intenções, estes sites podem ser mal interpretados por quem procura ajuda na internet.

Assim, um jovem que esteja deprimido com seus conflitos internos e já tenha ideações suicidas ou alguns transtornos emocionais, encontra na internet

sites de encorajamento ao suicídio, de forma explícita, ou por sites que tratam o tema como algo banal ou por *suicide modelling*. Fora isto a internet também influencia no desenvolvimento e surgimento de transtornos e doenças emocionais.

Para o autor, por meio dessa rede integrada, as pessoas buscam na coletividade a superação de seus medos, de modo que, mesmo havendo motivações individuais, elas se unem e encontram pontos centrais para exercitar a superação. Tendo em vista o conteúdo desses sites, é bastante sério o fato de que tais informações estejam difusas com material cientificamente empobrecido ou pouco eficiente nos casos de ideação suicida no que concerne à prevenção e a informações para quem busca assistência na internet. (ABREU; SOUZA; 2017. p.168).

Santos e Vieira (2020), abordam o tema do Efeito *Copypcat*, que assim como *Suicide Modelling*, seria o efeito em massa de imitação ou modelo. Por ter rápido e longo alcance no mundo digital, é comum que os jovens que já possuem algum tipo de transtorno ou sofrimento, se encontrem no mundo virtual e por identificação se encontram e se envolvam uns com os outros. Desta forma, o Efeito *Copypcat*, possibilita que o adolescente em situação de sofrimento e que venha a se suicidar, sensibilize e encoraje outros jovens que também estão passando por algum conflito e com os mesmos sentimentos de desesperança.

Hoje há grupos de crianças, adolescentes e adultos que se conectam e criam relações através de jogos *online* e redes sociais. Apesar de toda essa conectividade e aproximação que a internet proporciona, também traz consigo exposições, se pensarmos em uma criança com acesso livre a este portal para o mundo e pressões, se pensarmos nas mídias sociais lançando cada vez mais produtos e crianças, adolescentes e adultos cedendo a estes interesses para se enquadrar em modas passageiras alimentando o sentimento de pertencimento de determinado nicho social. Na fase da adolescência este sentimento é ainda maior, por se tratar de uma fase de busca de novos objetos de identificação, “principalmente amigos, ídolos ou ideologias. Com seus medos e inseguranças, ficam vulneráveis a riscos ou sentimentos de desesperança quando tais pontos de transição e segurança lhes faltam” (ABREU; SOUZA, 2017, p.169).

Há um grande apelo do mercado digital voltado para este público mais jovem, que como vemos até aqui, são os mais vulneráveis e propensos a consumir estes produtos. Hoje vários famosos vistos como exemplos para os jovens, são contratados para lançarem produtos e serviços em suas próprias redes sociais, dando maior credibilidade ao produto e incentivando seus seguidores ao consumo. Há um consumismo desnecessário, que leva muitas vezes, os jovens a desejarem produtos de determinadas marcas, por ser o que está na moda do momento. O sentimento de pertencimento o faz buscar e querer se enquadrar nestas modinhas passageiras e quando não conseguem podem se sentir frustrados.

Os adolescentes, à medida que conquistam sua autonomia e estabelecem uma identidade no mundo adulto, consideram como importantes para a constituição de si roupas e acessórios que vêm com o peso de uma marca, de um cosmético, de um eletrônico, de uma celebridade da música ou do cinema em que se espelhar, e o mundo digital oferece um leque de escolhas e um ambiente seguro, em que minorias raciais, sexuais e étnicas encontram semelhantes e alento para suas angústias. Por outro lado, o que se evidencia é um risco bastante elevado de esse grupo se envolver com abuso de substâncias, depressão e suicídio (ABREU; SOUZA, 2017. p.165).

Já se sabe que o homem tem uma necessidade natural de se relacionar com outros. A internet permite ao jovem se relacionar mesmo que de modo frio e distante, dando a ele a sensação de estar sendo visto por alguém e obter atenção. Muitos expõem sentimentos nas redes sociais como forma de chamar atenção e ao receberem curtidas e comentários, geram em si a sensação de estarem recebendo atenção e de ser importante para os outros. Ao mesmo tempo em que esta dinâmica acalenta, e gera sensações de acolhimento, quando não notado pode frustrar ainda mais o indivíduo. Além disso, hoje há comparações de curtidas, onde quem ganha mais likes/curtidas torna-se mais popular no mundo digital, e quando um jovem ao postar uma foto/vídeo não ganha tantas curtidas, pode vir a se sentir deprimido e rejeitado.

Em 2019, uma das plataformas de rede sociais mais utilizadas no Brasil, ocultou a visualização de curtidas a fim de minimizar os danos causados por esta competição virtual. Já hoje, em 2021 a empresa optou por deixar que os próprios usuários decidam se querem ou não exibir a quantidade de curtidas que recebem em suas fotos. “O Instagram afirmou que algumas pessoas se sentiram menos pressionadas ao não ver os "likes", enquanto outras queriam

identificar tendências e os conteúdos mais populares na rede” (G1. Disponível em: <https://bitly.com/gYrqU>. Acesso em: 28/07/2021).

De acordo com Vedana (2018 apud SANTOS; VIEIRA, 2020, p.01):

destaca que mídias sociais, em razão da capacidade de compartilhamento e interatividade, modificaram as formas de relacionamento entre jovens e adolescentes. Ao proporcionar, por meio de sites e aplicativos, ambiente de encontro entre indivíduos vulneráveis, se tornam fatores de risco para a saúde mental e o comportamento suicida. Jovens com transtornos mentais são usuários contudentes de redes sociais. Além do mais, conteúdos sobre práticas suicidas são postados em blogs e fóruns on-line, reforçando as ideias suicidas e a afetividade negativa de pessoas fragilizadas.

Além das exposições e pressões, a internet também virou um canal para as pessoas se expressarem e compartilharem ideias, seja de maneira artística, com blogs, vídeos, fotos ou um desabafo em rede social. Ideias e notícias circulam e podem viralizar rapidamente ganhando adeptos ou sendo alvo de críticas severas e mesmo xingamentos. Por ainda ser considerada como terra de ninguém, algumas pessoas aproveitam do espaço cibernético para exporem seus preconceitos, atacar outras pessoas e praticarem *bullying*. Abreu e Souza (2017) citam ainda que:

É muito fácil ocultar e evitar a relação face a face quando se é perpetrador de uma situação de agressão. Na condição de vítima ou praticante, a frequência de ideia suicida é muito maior do que em adolescentes que não têm exposição a qualquer forma de agressão. O estudo analisado aponta, ainda, que 25% das vítimas de cyberbullying não procuram atendimento especializado, casos em que existe a possibilidade de prejuízos extremos e irreversíveis, como suicídio e homicídios. É possível supor, ainda, conforme prevê Rich (2013 apud ABREU; EISENSTEIN; ESTEFENON, 2014), que a mesma internet, ferramenta de mídia e de pesquisa para diversos temas, é também um meio de exposição dos jovens a conteúdos impróprios e ameaçadores (p.168).

Cada vez mais é comum que os jovens exponham suas vidas em redes sociais e acompanhem perfis de famosos, ídolos e criem ideais de vidas perfeitas. Esta ideia de perfeição, de modelo de vida a ser seguido, pode gerar frustrações e desilusões quando não alcançadas. Além disto, o jovem torna-se vulnerável, uma vez que se expõe e pode vir a ser alvo de críticas, *bullyings* e *cyberbullyings*.

A internet está sendo usada para tornar público o que é privado, como fotografias postadas por terceiros ou mesmo pelo detentor da

imagem, colocando a si mesmo em uma situação de vulnerabilidade na rede social. Redes sociais permitem a seus membros a publicação de textos próprios e de terceiros, fotografias e imagens diversas, compartilhamento de informações em tempo real. E a partir daí, um potencial caminho que pode ensejar atividades violentas (SANTOS e VIEIRA, 2020. p.6).

Uma vez que venha a ser vítima de *bullying*, preconceito ou tenha seus dados e fotos espalhados pela internet de modo invasivo e constrangedor, o jovem tende a desenvolver traumas que o levam a sentimentos de desespero, desesperança, tensão, vergonha, entre outros que prejudicam sua sociabilidade e vida em geral. Segundo Abreu e Souza (2017, p.169), “vítimas de agressores que se ocultam no mundo on-line apresentam traços de depressão e ansiedade”. Tais sentimentos podem fazer com que o jovem sintasse sem saída e veja na morte um fim para sua dor.

Os jovens têm passado cada vez mais conectados as redes e jogos *onlines*, seja através do celular, computador ou tablets. Vale ressaltar que mesmo os estudos escolares vêm sendo aplicados de maneira digital e que a internet também facilitou e melhorou este processo. No entanto, devido ao novo contexto social, onde a interação digital já faz parte do cotidiano humano e considerando a fase complexa da adolescência, tanta interação pode resultar nos perigos aqui apresentados. “Os ambientes virtuais possibilitam comunicações anônimas, bem como a experimentação de diversos papéis, fantasias, desejos e angústias, já que o contexto do ciberespaço permite a isenção do contato social puro” (ABREU; SOUZA, 2017, p.169).

Assim pode-se afirmar que a internet tem influência direta na vida e desenvolvimento humano, fazendo parte da cultura social, induzindo a mudanças de comportamento e interferindo nas relações interpessoais. Os jovens com seus sentimentos conflitantes devido a fase de transição, podem encontrar na internet motivos externos que podem agravar seus sentimentos de desesperança, conflitos com a autoimagem e isolamento social.

Diante do cenário exposto são necessárias estratégias que possam atuar na prevenção e enfrentamento do suicídio influenciado pela internet. Familiares e instituições educacionais poderiam trabalhar com crianças e adolescentes questões sobre saúde mental e emocional, a fim de fortalecer e acompanhar estes jovens em suas elaborações sentimentais. Além disso, é necessário mais atenção e participação dos pais nos conteúdos visualizados e

publicados de seus filhos para identificar possíveis ideações suicidas e sofrimentos emocionais.

Pensando também que as redes sociais já fazem parte do cotidiano e desenvolvimento humano, escolas poderiam ensinar e gerar debates com os alunos maneiras saudáveis de utilização das redes, mostrando limites e consequências de atitudes impensadas, a fim de promover conscientização e responsabilidade no âmbito virtual.

É necessário que a sociedade, meio familiar e escolar se abram mais, despidos de seus pré-conceitos, para escutar seus adolescentes, promovendo espaços de escuta e confiança para que o jovem fale sobre seus conflitos e traumas. Freud (1895/1987 apud MACEDO, WERLANG, 2007, p.90), cita que “a psicanálise, como teoria e técnica, propõe um olhar livre de pré-conceitos para as dores da alma”.

Freud se empenhava em compreender o que o sintoma manifesta e esconde ao mesmo tempo (MACEDO, WERLANG, 2007). Assim, num viés psicanalítico, é necessário um olhar mais amplo e cuidadoso com o comportamento e atitudes dos adolescentes, principalmente considerando todos os percalços e conflitos do processo do adolescer. Investigando sintomas, ainda que inconscientes, ofertando suporte emocional e possibilitando uma escuta neutra, para que o adolescente associe livremente e, com isto, trabalhe seus traumas e suas questões.

DISCUSSÃO

Diante dos trabalhos lidos e analisados, pode-se dizer que a psicanálise compreende que a fase do adolecer é um momento complexo, repleto de transformações e lutos. Neste período o jovem tende a ficar mais vulnerável e com os avanços tecnológicos, mais expostos nas redes diante de muitos olhares. A preocupação em pertencer a um grupo, se enquadrar a padrões, gera pressões e expectativas que, quando não alcançadas, possibilitam sentimentos de decepção, frustração e desesperança.

Seus conflitos podem ser agravados com fatores externos, como, por exemplo, comentários e ataques nas redes sociais e também com o fácil acesso a sites e grupos que promovam e encorajam ações prejudiciais e até mesmo técnicas para se suicidar. Além disso, aspectos econômico-sócio-culturais, também atuam como facilitadores na tendência ao suicídio. Cassorla (2019), acredita que a dinâmica da sociedade e cultura, são influências fundamentais para o ato suicida. O modo como o sujeito se desenvolve e cresce recebendo influências diretas e indiretas da sociedade passam a fazer parte de seu ser e modo de pensar. Uma sociedade, cultura e religião com prevalência de valores machistas, homofóbicos, racistas ou qualquer que seja o tipo de preconceito, influi na vida de qualquer indivíduo que discorde ou não faça parte deste padrão considerado ideal pela sociedade. Desta forma, podemos dizer que a dinâmica social pode oprimir e criar indivíduos fragilizados pelo sistema.

Freud (1917 / 2013), cita que o sadismo da melancolia poderia explicar a tendência ao suicídio e em 1920, quando discorreu sobre a pulsão de morte, explicou sua influência agindo no sujeito e sua presença no estado de melancolia. O autor explica que a pulsão de morte visa a inércia e se alia ao superego resultando na dureza e crueldade do sujeito. Desta forma, entendemos sua dinâmica na melancolia, fortalecendo a teoria de Freud que o estado de melancolia pode vir a explicar a tendência ao suicídio.

Assim, do ponto de vista da psicanálise, além de diversos fatores influenciadores ao suicídio, o ato vem a ser não a morte do sujeito, mas sim a tentativa de morte da dor. Deste modo podemos compreender que o sujeito diante dos conflitos presentes na transição do adolecer, influenciado por

fatores sociais, que se tornam ainda mais presentes com o mundo virtual, pode vir a vivenciar experiências traumáticas e sofrimentos, que o levem a momentos de desespero ou, como uma tentativa de fuga da dor, a sua morte.

Além disto, a internet pode atuar como facilitador desse processo de sofrimento ao ato, uma vez que não se tem controle absoluto de publicações e de conteúdos que podem vir a servir como gatilhos para outros jovens. Seu poder, com amplo acesso e compartilhamento de conteúdos, pensamentos e experiências, podem se tornar virais em questão de horas, alcançando jovens de diferentes lugares, culturas e situações sociais, mas que tenham um mesmo sentimento de desesperança e/ou sofrimento em comum.

Essa exposição, no limite, pode gerar efeitos como os citados anteriormente: *Suicide Modelling*, efeito *Werther* e efeito *Copycat*. Mostrando que as ações suicidas, publicadas e repassadas, podem servir de exemplo para outros jovens que se encontram na mesma situação, despertar pensamentos e reflexões em outros jovens, levando outros adolescentes a copiar as ações e cometer o mesmo ato.

Portanto é primordial que ocorram debates e reflexões acerca do tema apresentado, para preparar e estruturar os jovens e adolescentes emocionalmente, uma vez que:

Os adolescentes apresentam-se como o público em maior contato com o mundo da internet, encontrando-se, muitas vezes, vulneráveis emocionalmente e figurando, conseqüentemente, como alvos fáceis para a prática da agressão virtual e de conteúdos impróprios sobre a depredação e autoaniquilação, elementos atuantes para que o adolescente suicida não seja impedido ou até mesmo estimulado a cumprir seu objetivo irreversível (ABREU; SOUZA, 2017, p.171).

Desta forma, é importante trabalhar de modo didático, com os adolescentes, sobre o uso das redes sociais e internet no geral, gerando debates e promovendo espaços de escuta onde os jovens possam trocar ideias e experiências a cerca do que sentem e pensam quanto as exposições e vulnerabilidades da fase e orientados por professores, pais e responsáveis, sejam amparados em suas angústias e, literalmente, ensinados a agir com respeito e responsabilidades dentro do mundo virtual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo descrever o suicídio a partir do referencial psicanalítico e analisar como se constitui a influência da internet na vida dos jovens em uma visão psicanalítica. Buscou-se compreender a dinâmica do suicídio a partir de autores como Freud, Lacan e Cassorla.

Através de Freud e Lacan pode-se entender que a o ato suicida não é a tentativa do sujeito matar a si mesmo e sim a tentativa da morte do objeto que lhe causa dor e angustia. Com Cassorla, pode-se compreender que o meio a nossa volta e contexto em que o indivíduo convive, tem influência direta e indireta nas ideações suicidas.

Também foi possível analisar como a internet exerce sua influência na vida humana e principalmente ganha maiores proporções na vida de jovens e adolescentes.

Pôde-se compreender que a influência da internet na vida de jovens e adolescentes esta atrelada a vulnerabilidade da fase do adolescer, onde a necessidade de pertencimento a grupos pode fazer com que os jovens se exponham a riscos. Com o alto consumo de conteúdos virtuais, a busca por aceitação e questões com a autoimagem aumenta, resultando no falso self, onde o jovem passa a viver uma realidade que não é a sua. Há uma identificação com personificações induzindo o adolescente a ter que viver ou consumir um determinado modelo de vida ou produtos e quando estas expectativas não são alcançadas geram sentimentos de frustrações e desesperança.

Entende-se que a internet abre portas para o mundo e trás consigo diversas ambiguidades, podendo aproximar pessoas e ao mesmo tempo distanciá-las tornando as relações presenciais frias. Pode trazer conhecimentos e riscos, pode ajudar pessoas e ser o incentivo que alguns precisam para praticar o ato.

Assim, com saberes quanto à dinâmica do suicídio no viés psicanalítico e como ocorre a influência da internet na vida humana, pode-se abrir portas para modelos de trabalhos preventivos quanto ao tema apresentado.

Ao final, pode-se notar a importância do tema abordado, chamando a atenção de pais, educadores e sociedade no geral, sobre a importância de cuidados emocionais com crianças e adolescentes.

Conclui-se que todo sujeito tem influências internas para a tendência ao suicídio, mas que também é muito importante o ambiente ao seu redor. Por fim, ressalta-se que as influências externas têm impactos determinantes na vida do indivíduo. Uma boa rede de apoio, atenciosa e que possibilite o jovem se sentir acolhido, pode ser uma saída na reparação e atenuação de impactos causados por ambientes perigosos e tóxicos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Thales de O. SOUZA, Marjane B. A influência da internet nos adolescentes com ações suicidas. **Revista Sociais & humanas**. vol. 30. nº 1. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3azQnDn> Acesso em 07/03/2021.

AZEVEDO, Monia K. NETO, Gustavo A. R. M. O desenvolvimento do conceito de pulsão de morte na obra de Freud. **Revista Subjetividades**. Fortaleza, vol. 15. pg. 67-75, Abril, 2015. Disponível em: <https://bityli.com/CMj0p> Acesso em 14/05/2021.

CARONE, Marilene. **Luto e melancolia**: Sigmund Freud. São Paulo: Cosac Naify. 2013.

CASSORLA, Roosevelt M. S. **Suicídio - Fatores inconscientes e aspectos socioculturais**: uma introdução. São Paulo: Blucher. 2019.

CRUZ, Alexandre D. G.; RESENDE, Dordania de S.; REIS, Joanna B. W. de O. A dinâmica psíquica do suicídio sob a perspectiva do desnudamento do Eu na melancolia. **Reverso**. ano 41. n. 78. pg. 35-44. Belo Horizonte, BH. dez. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3axRNOQ> Acesso em 15/04/2021.

GOMES, Juliana Oliveira; BAPTISTA, Makilim N.; CARNEIRO, Adriana M.; CARDOSO, Hugo F Suicídio e internet: análise de resultados em ferramentas de busca. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, p. 63-73, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/bpFjF9fkPB3ByDhhwjNXy4v/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15/03/2021.

INSTAGRAM TESTE DEIXAR AS PESSOAS DECIDIREM SE QUEREM OU NÃO VER NÚMEROS DE CURTIDAS. Site G1, abril/2021. Disponível em: <https://bityli.com/gYrqU> Acesso em: 28/07/2021.

MACEDO, Mônica M. K. WERLANG, Blanca S. G. Trauma, Dor e Ato: O olhar da psicanálise sobre uma tentativa de suicídio. **Ágora**. Rio de Janeiro/RJ. jan./jun. 2007. v. X. n. 1. pg. 89-106. Disponível em: <https://bityli.com/hFcDaQ>. Acesso em: 24/09/2021.

MILLER; J. A. Jacques Lacan: observações sobre seu conceito de passagem ao ato. **Opção lacaniana online**. ano 5. nº 13. Março de 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3gzDdKd> Acesso em 16/04/2021.

NUNES, Everaldo D. O Suicídio – reavaliando um clássico da literatura sociológica do século XIX. **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro/RJ, pg. 7-34, jan-mar, 1998. Disponível em: <https://bityli.com/7Zsfq> Acesso em: 24/03/2021.

SOUZA, Paulo C. **Sigmund Freud: Obras completas**. São Paulo: Editora Schwarcz. Companhia das Letras. volume 14. Março/2010. Disponível em: <https://bityli.com/35ULI> Acesso em: 22/05/2021.

VIEIRA, Ana L. SANTOS, Clodoaldo M. A influencia das redes sociais nos casos de suicídio entre jovens e adolescentes brasileiros e o seu aumento durante a pandemia. **Migalhas de Peso**. São Paulo. v.X. n. 1. pg. 01-21. Agosto 2020. Disponível em: <https://bityli.com/a3eCq> Acesso em: 20/07/2021.

WINNICOTT, Donald W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas. 1983.